

**O** LHARES  
**C** RUZADOS

# Desconfianças, entendimentos e preconceitos: algumas reflexões do outro lado da fronteira

**Fernando Rabossi**

*Mestre pela Universidade de Estocolmo (1999) e doutor em Antropologia Social pela UFRJ (2005). Atualmente, é professor do Departamento de Antropologia Cultural da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (IFCS/UFRJ). Coordena, junto a Federico Neiburg, o Núcleo de Pesquisas em Cultura e Economia (NuCEC).*

## Resumo

O comércio de produtos importados, descaminhados e/ou contrabandeados do Paraguai, além de ser o sustento de milhares de pessoas de um lado e do outro da fronteira, é o foco de políticas de repressão e controle por parte do governo, assim como um campo fértil de estereótipos e representações amplamente difundidos no imaginário brasileiro. Fazer pesquisa de campo no Paraguai sobre esse comércio proveniente do Brasil me colocou uma série de desafios, os quais se potenciaram de formas diversas pelo fato de não ser brasileiro, mas argentino. O presente artigo explora um conjunto de tensões – desconfianças, distinções, aproximações e preconceitos – que são fundamentais de serem levadas em conta ao realizar trabalho de campo em países vizinhos, especialmente naqueles países onde o Brasil é percebido como poder hegemônico. Sublinhar essas tensões tem por objetivo incentivar a reflexão sobre a profundidade – temporal, espacial, linguística e histórica – que o trabalho de campo requer.

Palavras-chave: Trabalho de campo. Confiança. Preconceitos. Paraguai.

## *Distrust, understandings and prejudices: some thoughts from the other side of the border*

### **Abstract**

The trade in imported goods smuggled from Paraguay, besides being the livelihood of thousands of people on both sides of the border, it is the focus of control and repressive policies, as well as a fertile field for stereotypes and representations widespread distributed in the Brazilian imagination. Doing fieldwork research in Paraguay on this trade coming from Brazil confronted me with a series of challenges, which were potentiated in different ways for not being Brazilian, but Argentinean. This article explores a set of tensions - distrust, distinctions, approaches and prejudices - that are essential to be taken into account when doing fieldwork in neighboring countries, especially in those countries where Brazil is perceived as a hegemonic power. I underline these tensions for encouraging a reflection on the necessary conditions for a good fieldwork.

Keywords: Fieldwork. Trust. Prejudices. Paraguay.

Um dos aspectos fundamentais da internacionalização da Antropologia, além dos diálogos e da colaboração através de convênios e programas de intercâmbio e da circulação da produção brasileira em outras línguas, é a multiplicação dos universos de pesquisa fora das fronteiras nacionais.<sup>1</sup> Se por muito tempo a realização de trabalho de campo fora do Brasil por antropólogos formados no País foi uma prática incomum, hoje em dia é cada vez mais recorrente encontrar pesquisas realizadas no exterior. Uma variedade cada vez maior, tanto em termos geográficos como temáticos, vem caracterizando a diversificação da produção da Antropologia feita no Brasil. Vários dos artigos apresentados na seção “Olhares Cruzados” desta revista são uma amostra dessa diversidade: Portugal (MIRANDA, 2011), Argentina (EILBAUM, 2012), Estados Unidos (POLICARPO, 2013), Canada (SOUZA, 2014), Síria (CHAGAS, 2014).<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Sobre a internacionalização da Antropologia no Brasil, ver FRY, 2004; LIMA, 2011; THOMAZ, 2011; RIAL, 2014; RIBEIRO, 2014.

<sup>2</sup> Este não é um processo novo, tal como Carmen Rial mostra a partir da listagem de pesquisas realizadas no exterior nos finais dos 80 e início dos 90 (RIAL, 2014:42). Contudo, nas últimas décadas tem havido uma diversificação impressionante. Ainda está para ser feito um levantamento sistemático com o mapa das pesquisas antropológicas realizadas no exterior no âmbito dos programas de pós-graduação brasileiros,

A saída de antropólogos formados no Brasil para realizar pesquisa no exterior não está isenta de desafios e dificuldades. Temas como financiamento das pesquisas, aprendizado da língua, enquadramento legal das pesquisas, acúmulo de conhecimento sobre a região pesquisada e criação de redes locais de debate sobre cada região começam a ser objeto de reflexão e discussão. Questões específicas derivadas de cada campo passam a incentivar discussões teóricas abrangentes.

Esta dimensão é fundamental para compreender a especificidade da internacionalização na Antropologia, pois é através do trabalho de campo em outras sociedades que as discussões teóricas são renovadas e a própria forma de construir os problemas se transforma. Por citar um exemplo da minha pesquisa, tanto a análise das migrações rurais-urbanas no Paraguai ganham em profundidade quando pensadas a partir da experiência das pesquisas no Brasil quanto estas se modificam ao incorporar no quadro de referência e comparações a experiência paraguaia (ou sul-africana, ou indiana, tal como tem acontecido com outras pesquisas). Além da transformação que traz à reflexão das ciências sociais brasileiras, a realização de pesquisas de campo no exterior cria as bases de um conhecimento aprofundado e sutil sobre realidades muitas vezes mal compreendidas ou estereotipadas.

Se historicamente a realização de pesquisas de campo no exterior esteve vinculada com a dinâmica de impérios coloniais e, mais tarde, com hegemônias mundiais, atualmente a relevância dessas variáveis se combina com processos de circulação e internacionalização de estudantes e pesquisadores em redes que vão consolidando regiões privilegiadas de pesquisa, funcionando independentemente dessas variáveis. No caso brasileiro, o aumento de pesquisas no exterior esteve vinculado à multiplicação dos recursos aplicados à pesquisa – pelo menos até 2014 –, que foi paralela ao crescimento da importância do Brasil no cenário internacional.

---

mas, só como amostra dessa diversificação, basta uma listagem dos países onde alunos ou professores de pós-graduação que conheço pessoalmente realizaram pesquisa: Peru, Paraguai, Colômbia, Haiti, Argentina, Suriname, Estados Unidos, México, Bolívia, Angola, Moçambique, Cabo Verde, República Dominicana, Portugal, África do Sul, Índia, França, Timor-Leste, China, Sarajevo, Japão e Guiné-Bissau.

O presente artigo apresenta uma reflexão sobre esses aspectos a partir de uma pesquisa de campo realizada em Ciudad del Este no Paraguai, na fronteira com o Brasil, no início da década passada; pesquisa que teve continuidade a partir de diversas visitas posteriores a Ciudad del Este, a outras cidades de fronteira e à capital do país, Assunção.

No artigo exploro três elementos que considero significativos na hora de refletir acerca de pesquisas de campo em países vizinhos sobre dinâmicas comerciais fronteiriças que nem sempre se enquadram dentro da legalidade. Em primeiro lugar, refletir sobre a desconfiança produzida pela presença do pesquisador. Em segundo lugar, analisar algumas dimensões relevantes a partir das quais os habitantes de Ciudad del Este se vinculam diferencialmente com Brasil e Argentina. Em terceiro lugar, refletir sobre certos estereótipos recorrentes sobre Paraguai no Brasil.

### **Chegando na fronteira**

Em setembro de 1999, cheguei a Foz do Iguaçu na primeira viagem exploratória da minha pesquisa de doutorado.<sup>3</sup> O projeto apresentado para ingressar no doutorado tinha um espaço definido de pesquisa – a região de confluência dos limites internacionais de Paraguai, Brasil e Argentina, a denominada Tríplice Fronteira – e dois interesses sobrepostos: fazer uma etnografia da fronteira e estudar a relação entre agendas globais de segurança e sua localização específica na região. Escolhi a região pela relevância que ela tinha para meus interesses, mas nunca tinha estado lá. Nessa primeira viagem, os interesses e as perguntas mudaram. Dada a centralidade do comércio entre Ciu-

<sup>3</sup> Terminei a graduação em Ciências Antropológicas na Universidade de Buenos Aires em 1997 e fiz o mestrado na Universidade de Estocolmo (1999), tendo pesquisado sobre as políticas de integração de imigrantes na Suécia, focando especialmente nas associações de imigrantes e trabalhando sobre os chilenos, o grupo mais numeroso de latino-americanos no país. Em fevereiro de 1999, cheguei ao Brasil para fazer o doutorado no PPGAS do Museu Nacional (UFRJ). Um colega da graduação estava no PPGAS e falava muito bem do programa, tinha lido trabalhos dos professores que achava muito interessantes, e era um lugar onde, passando o exame de seleção, tinha a possibilidade de ter uma bolsa. Por outro lado, conheci o Rio de Janeiro em 1991 e havia gostado muito da cidade. Além disso, tinha muitos amigos com os quais havia trabalhado em uma exposição de pintura brasileira em Buenos Aires. O Brasil era um lugar de que gostava e onde tinha possibilidades de continuar fazendo aquilo que tinha feito até então, que era Antropologia. Observada desde a Argentina e a Suécia – onde morava desde 1995 –, a Antropologia brasileira tinha um dinamismo muito interessante e condições para poder fazer pesquisa.

dad del Este e Foz do Iguaçu, tornou-se evidente que entender esse movimento era o passo necessário para compreender a região e as diversas dinâmicas associadas a ela.

Foz do Iguaçu era o espaço no qual me sentia mais à vontade. Puerto Iguazú e Ciudad del Este apareciam como espaços mais estranhos. A primeira por uma questão de dimensão e por um contexto bem singular: com a política econômica de paridade entre o dólar norte-americano e o peso argentino, Puerto Iguazú parecia uma cidade fantasma, tal como alguns iguazuenses a caracterizavam. Em 1999, quase todas as lojas do centro estavam fechadas. Ciudad del Este era algo muito estranho para mim pela combinação de origens da sua população e pela singular sensação de chegar a um lugar no qual as pessoas, em teoria, falavam a mesma língua que eu falo – espanhol – e me topar com uma dificuldade de comunicação que para mim era um enigma. Entender esse enigma foi o desafio que me levou a me instalar desse lado da fronteira, que depois foi se explicando não somente pelo guarani como língua materna de muitos dos habitantes da cidade, mas também pela experiência rural de muitos deles. Temos que lembrar que Ciudad del Este é uma cidade relativamente nova (fundada em 1957) e que muitas das pessoas acima de 40 anos são migrantes internos de origem rural. Algo que também caracteriza os tempos nas interações e os códigos de comunicação.

Na segunda vez em que voltei (um mês em 2000), fiquei grande parte do tempo em Ciudad del Este, primeiro no centro e depois em Bairro Obrero. Em 2001, quando passei mais de oito meses na região, me instalei em Bairro Obrero e depois fui morar em San Rafael com a família de Gregorio Villalba, um vendedor de rua que tinha conhecido ao longo da pesquisa.

### **Desconfianças**

Em um espaço sob vigilância e atravessado por práticas que muitas vezes podem ser criminalizadas, a presença de um pesquisador é vista com receio e desconfiança. Em setembro de 2000, conversando com um grupo de vendedores de rua – *mesiteros*, tal como são chamados os camelôs no Paraguai –, lembro que isso apareceu de forma explícita. Depois de expor meus interesses

de pesquisa, minha inserção institucional e comentado sobre a bolsa que recebia para fazer meu doutorado, um deles perguntou:

– Mas, quem paga sua bolsa?

– A instituição do governo que fomenta a pesquisa no Brasil, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o CNPq.

– Mas... Por que o governo brasileiro quer saber sobre nós?

A pergunta do *mesitero* repousava em uma associação que já prefigurava a resposta. Se o governo brasileiro queria acabar com o comércio de Ciudad del Este, tal como a política de repressão ao descaminho e ao contrabando cada vez mais estrita demonstrava, a pesquisa financiada pelo mesmo governo não seria parte da mesma estratégia?

Foi difícil desarmar esse argumento lineal entre financiamento e interesse – argumento, aliás, presente muitas vezes em nossas próprias explicações. Primeiro, eu tinha escolhido o tema. Segundo, a escolha do projeto não foi julgada pelo CNPq, mas pela instituição na qual consegui uma vaga para fazer o doutorado. Se, no caso de financiamento de projetos, a possibilidade de orientar linhas de pesquisa pode ser mais explícita, no caso das bolsas de mestrado e doutorado fica a critério das instituições de pós-graduação escolher os candidatos e – por conseguinte – os temas de pesquisa. Contudo, na escolha dos candidatos, o projeto de pesquisa é um elemento a mais – nem sempre o mais importante – dentro de outros aspectos que são avaliados (i.e., currículo e, em muitos casos, desempenho em prova de conteúdos e de línguas).

Tanto em Foz do Iguaçu como em Ciudad del Este, o fato de eu ser argentino tornou mais fácil sacudir as suspeitas que associavam minha pesquisa à política de controle do governo brasileiro. Entretanto, foram as relações de confiança construídas ao longo da pesquisa de campo que quebraram a desconfiança de muitos dos meus interlocutores. Contudo, mesmo com a confiança obtida no diálogo e na convivência cotidiana – ou talvez por causa dela –, um dos interlocutores mais agudos, Alberto, ia me confessar, depois de várias cervejas e de vários meses de conhecer-nos: “[U]m dia vamos falar... Sabe? Eu não acredito naquilo que você fala”.

A sinceridade de Alberto foi fundamental para construir a minha relação com ele a partir de outro lugar. Ele era *mesitero*, trabalhava na rua fazia mais de 12 anos e tinha mais formação que muitos dos seus colegas. Havia sido dirigente *mesitero* e também havia militado politicamente. Depois daquela noite, imprimi todas as coisas que havia escrito até então sobre a pesquisa – o projeto, o exame de qualificação, um texto sobre a conformação histórica da região e o primeiro informe de campo – e os entreguei para ele. Semanas mais tarde, ele ia me dizer, depois de algumas cervejas: “[E]stive lendo seu trabalho... você aprendeu muita coisa sobre este lugar”. Alberto se convenceu de que a minha pesquisa era acadêmica e que de fato eu estava fazendo aquilo que falava que queria fazer: compreender aquele lugar a partir daqueles que o faziam acontecer; algo que modificou a nossa conversa.<sup>4</sup>

A primeira questão que gostaria de destacar é que a confiança não é uma coisa que se ganha e se tem, mas um processo que se constrói “em relação” e é testada de forma regular ao longo do tempo. Os nossos interlocutores podem perder a confiança que tinham em nós – por exemplo, ao ver-nos colados com pessoas que não são confiáveis para eles. Precisamente, fazer trabalho de campo é construir relações em um mundo já dado de relações. Parte do aprendizado é entender esse campo de relações e, através dessas relações, compreender o mundo que estamos pesquisando.<sup>5</sup>

Um dos dilemas recorrentes enfrentados por aqueles que querem pesquisar práticas que podem ser criminalizadas – mas que na verdade pode ser estendido a qualquer universo de pesquisa – é como aceder a elas. Muitos pesquisadores preferem ocultar a sua identidade e, em vez de se apresentar como tais, preferem atuar outro papel; no meu campo, por exemplo, como sacoleiro, turista, consumidor de produtos pirateados ou de drogas. Além da questão ética (é correto ocultar nossa identidade aos nossos interlocutores?) e do perigo no qual o pesquisador se coloca (que acontece se descobrem que estamos rea-

<sup>4</sup> De fato, no final da minha pesquisa de campo, o diálogo com ele foi fundamental para entender como funcionava o mercado de produção de CDs copiados no qual ele trabalhava fazia anos e que estava, aparentemente, com os dias contados por causa de uma operação antipirataria deflagrada por um juiz.

<sup>5</sup> Para uma interessante reflexão sobre confiança desenvolvida em um contexto de pesquisa similar ao aqui apresentado, ver HART, 1988.

lizando uma pesquisa quando não informamos isso para eles?), há duas questões que gostaria de destacar. A primeira diz respeito à limitação temporal que essa eleição metodológica acarreta. Assumir uma identidade de consumidor, por exemplo, limita a duração de nossas interações. Podemos conversar mais que outros clientes, claro, mas dificilmente vamos ter a possibilidade de nos sentar para ver o mundo rolar junto a nossos interlocutores.

A segunda questão diz respeito aos pressupostos que subjazem aos motivos de escolher ocultar a identidade de pesquisador. Se for o medo de ser enganado ou de ter parte da informação relevante à nossa pesquisa ocultada, pensar que atuar outro papel vai garantir o acesso à “verdade” sobre as práticas de nossos interlocutores pressupõe imaginar que as pessoas, em suas relações com outros (não pesquisadores), mantêm intercâmbios de informação transparentes. Isso não somente é falso,<sup>6</sup> quanto ajuda a sublinhar aquilo que pretendi trazer com o exemplo de Alberto: as pessoas podem ser mais sinceras ou estar dispostas a se mostrar de forma mais aberta com aqueles com quem tem confiança, e a confiança, tal como assinalado antes, é uma propriedade das relações que se constrói ao longo do tempo. Por outro lado, se o que nos motiva a assumir outra identidade nas interações for o medo de ser rejeitados por sermos pesquisadores, a saída não pode ser enganar o outro, mas encontrar aqueles dispostos a nos aguentar. Outra vez, para isso precisamos tempo para construir essa possibilidade.

Pode parecer uma trivialidade, mas a observação participante que caracteriza o trabalho de campo antropológico significa estabelecer relações com pessoas com as quais construímos relações de confiança, algo que só pode ser realizado com tempo. Não precisa ser contínuo nem interminável, mas precisa ser recorrente e intenso. Muitos dos trabalhos de campo contemporâneos não implicam morar com as pessoas com as quais fazemos pesquisa, mas a interação regular com os nossos interlocutores é o que cria a possibilidade de construir essas relações. Saber que voltamos, para os nossos interlocutores, é a garantia de que o compromisso com nossas relações vão além do mero fato de querer obter alguma informação com eles. “Achava que você não voltava mais”

<sup>6</sup> Basta pensar na comunicação que temos com as pessoas mais próximas de nós.

(LAGROU, 1992:37) é um comentário recorrente que escutamos quando voltamos ao campo. Tal como um dos interlocutores kaxinawa de Elsje Lagrou falara para ela quando retornou ao campo, esse comentário exprime um fato fundamental aos olhos de nossos interlocutores e também para nós: a transformação de um conjunto de interações em uma relação.

Estabelecer uma relação baseada na confiança significa também se mostrar aberto às indagações que os nossos interlocutores têm a respeito de nosso mundo. Explicar de que se tratava a pesquisa que estava fazendo significou abrir a porta para longas indagações e conversas com muitas das pessoas que conheci sobre a Antropologia, a universidade, bolsas de estudo e trajetórias acadêmicas. Se a Antropologia é um conhecimento construído a partir do “outro”, então não pode negar-se a se expor diante dele.

### Entendimentos<sup>7</sup>

A presença brasileira é uma experiência cotidiana e naturalizada em Ciudad del Este. No início da década passada, milhares de compradores chegavam todos os dias provenientes do Brasil, assim como donos de lojas, empregadas e empregados de comércio e facilitadores de passagens. Ainda que vir do Brasil para pesquisar sobre o comércio pudesse ser visto com desconfiança, para os habitantes de Ciudad del Este se relacionar com pessoas vindas do Brasil era uma experiência completamente corriqueira. Ser argentino, nesse contexto, ajudou a revelar entendimentos e familiaridades derivados de cada uma dessas procedências. A pergunta que me interessa explorar nesta seção é: a partir de que relações e experiências são construídos os olhares cruzados na fronteira?

Começamos pelo Brasil. Em 2001, Jorgito tinha cinco anos. Ele era o filho caçula de Ramona e Gregorio, o *mesitero* que me convidou para viver com sua família durante meu trabalho de campo. Às vezes, assistíamos juntos televisão. Um de seus programas favoritos era *Chaves*, e quando o assistia, ria especialmente dos problemas de *Seu Madruga*, o pai de *Chiquinha*. Na primeira vez em que ouvi Jorgito chamando o *Chavo del Ocho*, *Don Ramón* e a *Chilindrina* pelos nomes que são usados na versão brasileira da série mexicana, fiquei

<sup>7</sup> Parte dessa sessão foi desenvolvida em RABOSI, 2011.

muito surpreso. Jorgito tinha o guarani como primeira língua, mas, apesar das dificuldades, sabia se expressar em espanhol. O fato de que usasse os nomes em português de personagens cujos nomes originais eram em espanhol nunca deixou de me chamar a atenção. E eis que o que se via em sua casa eram os canais de televisão brasileiros.

Em toda fronteira, uma das marcas do poder relativo que cada país tem é o alcance das transmissões de rádio e televisão. É claro que, em tempos de TV a cabo e via satélite, essa marca não é tão exclusiva. No entanto, para aqueles que não têm acesso a essas possibilidades, ela se mantém. Esse era o caso na casa de Gregorio.

Naquela ocasião, fazia pouco mais de dois anos que eu vivia no Brasil, e não estava muito familiarizado com a televisão, nem com algumas realidades brasileiras, tal como iria perceber assistindo a muitos episódios da primeira edição da *Casa dos Artistas*, programa de grande sucesso não somente no Brasil, mas também do outro lado da fronteira. Eram Jessica – outra filha do casal – e Edgar – filho de Ramona com seu falecido primeiro marido – que me esclareciam sobre parentescos e profissões. “Supla?” “Supla é um músico, filho da prefeita de São Paulo com um senador”. As fontes de informação eram variadas: Ratinho, os programas de fofocas sobre os famosos, as novelas e, claro, *O Jornal Nacional*, o noticiário da Rede Globo.

Vendo televisão com eles, uma das coisas que começou a revelar-se de forma clara foi que tanto o conhecimento de português como do Brasil em geral – de seu dia a dia retratado na televisão, que também incluía os conflitos na fronteira – passava por algo mais que as interações cotidianas com os milhares de *sacoleiros* – os revendedores brasileiros que se abasteciam de mercadorias em Ciudad del Este –, com os empregados e com os *laranjas* – os que passam as mercadorias para os *sacoleiros* – que estavam nas ruas e nas lojas da cidade. Transcendia, inclusive, as relações que mantinham com Foz do Iguaçu. Incluía também as imagens projetadas sobre os migrantes brasileiros no Paraguai, retratados de forma diferencial nos meios de comunicação paraguaios e brasileiros, ambos consumidos pelos habitantes da fronteira.

Algo similar ocorria com a música. Os vendedores de CDs copiados vendiam muita música brasileira, desde forró, axé, melódicos, *funk* carioca, *rap* paulista, sertanejo, brega e música gaúcha até os evangélicos de todos os ritmos e *hits* infantis. De modo distinto a muitos compradores brasileiros de mesma posição social, o conhecimento dos vendedores paraguaios era, em muitos casos, mais abarcador. Em algum sentido, se a música brasileira se expressava em todos esses ritmos, o conhecimento dos vendedores paraguaios por vezes remetia a uma totalidade mais abrangente.

As relações com a Argentina eram de outra índole. Quase todas as pessoas que conheci em Ciudad del Este durante meu trabalho de campo tinham um parente ou um amigo próximo que vivia ou havia vivido na Argentina, se não eram eles próprios que lá haviam estado como imigrantes. Algo que contrastava profundamente com a experiência migratória no Brasil. Nos dez meses de trabalho de campo, só conheci dois paraguaios que tinham vivido no Brasil fora de Foz do Iguaçu, cidade na qual residiam muitos paraguaios.<sup>8</sup>

Sabendo da minha origem, muitos dos meus interlocutores me davam referências espaciais para me contar suas vidas na Argentina: bairros, ruas, linhas de ônibus que usavam. Para elas e eles, a Argentina era mais que uma imagem: havia sido uma experiência. Experiência que, antes de estar localizada na fronteira, ancorava-se sobretudo em Buenos Aires ou em sua periferia.

A imigração paraguaia na Argentina é muito importante, sendo o maior grupo migratório do país. De acordo com o censo de 2010, são 550.713 pessoas nascidas no Paraguai que moram na Argentina (o que representa mais do 30% dos nascidos no exterior). Na época em que fiz pesquisa de campo, a maioria se concentrava na área metropolitana que inclui a cidade de Buenos Aires e o denominado *conurbano* bonaerense.<sup>9</sup> Para aqueles que não viajavam cotidianamente para o lado argentino da fronteira, Puerto Iguazú, a imagem que tinham dessa cidade era projetada a partir dessa experiência migratória.

---

<sup>8</sup> Com o aumento da migração paraguaia no Brasil, estes aspectos devem estar mudando. Ver o dossiê sobre migração paraguaia no Brasil na *Travessia: Revista do Migrante*, organizado por Tiago Rangel Cortês e Carlos Freire da Silva (TRAVERSIA, 2014).

<sup>9</sup> Para uma visão da migração paraguaia do ponto de vista dos jovens, ver GAVAZZO, 2012.

Durante meu trabalho de campo, o lugar ocupado por Ciudad del Este para aqueles que voltavam da Argentina era diferente daquele que havia tido para aqueles que chegaram na década de 70 com a construção de Itaipu e a consolidação do mercado de artigos importados. Em geral, a maior parte chegava porque suas famílias já estavam instaladas na região. Essa transformação de um lugar “para onde ir” em um lugar “para onde voltar” assinala a consolidação de uma população local para a qual Ciudad del Este deixou de ser exclusivamente um espaço de oportunidades – trabalho e dinheiro –, passando a ser um espaço de responsabilidades com a família e a casa.<sup>10</sup>

O impacto que este movimento tinha no dia a dia de Ciudad del Este sempre me chamou profundamente a atenção. Apesar dos milhares de brasileiros que estavam diariamente na cidade e da importância da televisão brasileira, a Argentina estava presente de uma forma muito mais imbricada na vida das pessoas.

Observadas de Ciudad del Este, as relações que seus habitantes têm com o Brasil e a Argentina transcendem as interações locais do contexto fronteiriço. Claro que elas são fundamentais, mas o que me interessa chamar a atenção é uma questão de ordem mais geral. Se a diversidade que compõe a região assenta-se nos diferentes grupos ali presentes, as relações entre eles são mais complexas do que o quadro que imaginamos. Para entender as relações dos habitantes paraguaios da fronteira com seus vizinhos, devemos incorporar todas estas dimensões, assim como muitas outras: seus lugares de origem – majoritariamente do interior do Paraguai, imigrantes rurais em uma cidade em formação –, a presença de brasileiros no Paraguai – os chamados *brasiguayos* –, a relação com mercados simbólicos em espanhol, especialmente o musical (argentino, mexicano, colombiano, entre outros).

Esta complexidade é uma característica da diversidade da região e não simplesmente uma marca paraguaia. A importância do Centro de Tradições

<sup>10</sup> As trajetórias migratórias dessas diferentes gerações mostram igualmente as transformações ocorridas na Argentina e nas formas de inserção dos grupos imigrantes. As pessoas com mais de 40 anos que viveram na Argentina, em sua maioria, trabalharam como operários industriais ou na construção. Os mais jovens que lá tinham vivido e que trabalharam durante a década de 90 o haviam feito no comércio ou em serviços.

Gaúcha em Foz do Iguaçu é tão somente um desses elementos na hora de pensar Foz do Iguaçu. E o mesmo exercício torna-se necessário ao pensar nos grupos imigrantes de fora da região, inclusive de forma mais necessária pela facilidade com que são objetificados em categorias genéricas como chineses, árabes ou coreanos. As regiões de procedência, suas experiências rurais ou urbanas, suas trajetórias migratórias e os imaginários sobre o lugar de chegada – seja o genérico América do Sul, os países ou as próprias cidades em que vivem – são elementos básicos para compreender aquilo que se coloca em jogo na dinâmica social e cultural da região.

### **Preconceitos**

“Tomou Pepsi do Paraguai?” Esse era o assunto da mensagem que um colega enviou para vários outros antropólogos em fevereiro de 2010. O corpo da mensagem repetia a pergunta do assunto e, anexadas, vinham nove fotografias, todas elas com a marca-d’água da Getty Images, um banco de fotografias e de imagens disponível na internet.

Na primeira foto, vemos uma loja com prateleiras, garrafas e sete grandes sacolas com tampinhas de Pepsi.<sup>11</sup> O rapaz da loja entrega a um cliente duas garrafas daquilo que parece ser um xarope de cola. Na foto, escrita em letras brancas, uma legenda indica: “As tampinhas chegando”. Na segunda foto, seis rapazes estão em um ambiente cheio de caixas com garrafas de refrigerante de 290ml de vidro vazias, as quais são colocadas em duas banheiras. A legenda indica: “Lavando as garrafas...”. Na terceira foto, a imagem mostra de perto uma banheira cheia de garrafas, com água e espuma de detergente e as mãos dos rapazes lavando com escovas o interior das garrafas. A legenda indica “Bem lavadinha...”. Na quarta fotografia, vemos os mesmos rapazes, mas em primeiro plano fica a segunda banheira onde as garrafas são depositadas só com água. A legenda indica: “Banheira linda heim!!!!”. Na quinta fotografia, vemos um dos rapazes introduzindo um líquido escuro com ajuda de um funil nas garrafas de Pepsi já localizadas na caixa. A legenda indica: “Líquido

<sup>11</sup> A sequência de fotos está em <<https://www.youtube.com/watch?v=ISKkkAXHJ3o>>. A montagem foi realizada por Bruno Movie Entreteriment (sic), apresentada como Pepsi do Paraguay!!!, enviada em 6/3/2007.

precioso...”. Na foto seguinte, em outro ambiente, vemos dois rapazes, um deles com uma mão abrindo um tubo de gás e com a outra segurando uma mangueira numa garrafa de Pepsi. A legenda diz: “Colocando gás...”. Na sétima fotografia, vemos uma máquina operada manualmente por um homem jovem colocando a tampa em uma garrafa cheia. A legenda diz: “Colocando a tampinha...”. Na oitava fotografia, vemos o conteúdo de quatro garrafas de Pepsi na contraluz, seguradas por um dos rapazes. A legenda indica: “Controle de qualidade...”. Na última fotografia, o rapaz que aparecia colocando gás na garrafa aparece, ao lado do tubo de gás, carregando uma caixa de garrafas prontas. A legenda diz: “Pronto para a revenda... Que delícia!”.

As imagens de “Pepsi do Paraguai” estão reproduzidas em inúmeros *sites* brasileiros, a maior parte deles em páginas e *blogs* pessoais de comentários e piadas. Refletir sobre elas a partir do e-mail do colega antropólogo que as enviou tem por objetivo sublinhar o ponto de encontro entre estereótipos amplamente distribuídos no Brasil e o nosso fazer antropológico. O colega em questão é um bom colega, bom antropólogo, bom pesquisador de campo e consciente das dinâmicas dos prejuízos e das discriminações. O e-mail foi enviado em tom de brincadeira. Precisamente por isso acho necessário refletir sobre a circulação dessas imagens e dessas piadas. A pergunta é: quais são as condições de possibilidade dessa “piada”? Refletir sobre essas condições é imperativo para compreender o tipo de preconceito do qual os paraguaios se sentem alvo.

Por que falar de preconceitos? Porque são os estereótipos existentes sobre o Paraguai no Brasil os que possibilitam que essas fotografias circulem na escala que circulam sem a preocupação em conferir sua autenticidade.

Há uma série de detalhes que levam um olhar atento a desconfiar que as fotografias sejam do Paraguai: que os cartazes pendurados nas paredes sejam imagens de homens, que os caracteres de alguns engradados não estejam em caracteres latinos, e que a descrição escrita em português na primeira fotografia não corresponda com aquilo que aparece na fotografia. Detalhes que me levaram a procurar no local de onde foram retiradas as fotografias, Getty Images. O autor das imagens é o fotógrafo iraquiano Wathiq Khuzaie, e as imagens foram registradas em novembro de 2004 para uma matéria sobre a

proliferação de mercadorias falsificadas no mercado iraquiano. As imagens nas paredes são cartazes do clérigo xiita Moqtada al-Sadr.<sup>12</sup> Os caracteres na segunda fotografia na caixa azul que aparece em primeiro plano correspondem ao logo da Pepsi em caracteres árabes, assim como em várias das garrafas que aparecem em primeiro plano sendo lavadas nas banheiras (يسبب).)

A descrição em português da primeira fotografia, além de não corresponder com a imagem, levanta uma questão mais reveladora. Alguém colocou a descrição em português nas fotografias e identificou o lugar como sendo o Paraguai. Foi a partir de essa intervenção que as fotografias tomadas no contexto iraquiano da pós-invasão norte-americana passaram a ser identificadas com o país vizinho. Algo que também aconteceu em outras partes. No contexto espanhol, as mesmas fotografias foram utilizadas para caracterizar a Pepsi de Marrocos, e imagino que o mesmo deve ter acontecido para rir dos vizinhos de outros países. No Brasil, a paraguaização das fotos não somente se reproduziu em inúmeros *sites* e mensagens, como teve poucos questionamentos sobre a autenticidade das mesmas.

Em outro lugar, analisei o lugar que o comércio de produtos importados de Ciudad del Este teve na difusão e na consolidação dos estereótipos sobre o Paraguai e a naturalização dos mesmos nos meios de comunicação brasileiros (RABOSSI, 2010). O que quis sublinhar a partir do exemplo da Pepsi do Paraguai é a naturalização desses mesmos estereótipos na sociedade de forma mais abrangente.

Esses estereótipos, contudo, se inserem em um campo mais amplo de discursos civilizatórios que desprezam tanto atores locais quanto externos. O trabalho de José Lindomar Albuquerque sobre os brasiguaios mostra, precisamente, como os estereótipos reproduzidos por muitos migrantes sobre os paraguaios estão ancorados em um conjunto de estereótipos formulados ao longo da história do Brasil e reatualizados nas frentes de expansão e colonização.

<sup>12</sup> O cartel que aparece na parede do fundo na quarta fotografia da série “Tomou Pepsi do Paraguai?” é levantado por manifestantes na segunda fotografia da matéria de Al Arabiya, 2014. O cartel que aparece colado na coluna na sexta e na nona fotografias da série é levantado por manifestantes na fotografia de Getty Images, 2004.

“A configuração “trabalhadores” e “preguiçosos” é sempre reatualizada nos contextos das frentes de expansão e nos processos constantes de deslocamento da população brasileira. As frentes de colonização do Oeste do país e Amazônia durante o século XX e as novas fronteiras agrícolas de expansão do plantio de soja em várias regiões do Brasil põem em confronto culturas e visões de mundo distintas no interior do território nacional. Nesses choques sociais e culturais, os estigmas contra o índio, o negro, o caboclo são constantemente ressignificados pelos “pioneiros” que acreditam ser os portadores do progresso, da civilização e da modernidade. Quando essas frentes de expansão ultrapassam os limites políticos do Estado nacional, os estigmas seculares direcionados às populações brasileiras marginalizadas são frequentemente dirigidos aos habitantes dos países vizinhos” (ALBUQUERQUE, 2010:169).

O interessante da análise de José Lindomar Albuquerque é que ela parte dos olhares cruzados na fronteira, mas embaralhados na diversidade regional brasileira, sendo que o fato de ele ser nordestino o levou a estranhar tanto o discurso de alguns paraguaios sobre o Brasil como país todo-poderoso, quanto de alguns imigrantes brasileiros sobre os paraguaios como preguiçosos.

Deter-nos na análise desses argumentos excede o escopo deste artigo. O que queria apontar é a necessidade de desconstruir os estereótipos profundamente naturalizados na sociedade brasileira sobre o Paraguai. Sublinhar essa necessidade também significa chamar a atenção daqueles que realizam pesquisa no país vizinho de levá-los a sério como parte constitutiva do repertório de olhares cruzados que encontramos no Paraguai. Levar a sério esses estereótipos significa transformá-los em objeto de análise e reflexão, inserindo-os no campo mais amplo de preconceitos que circulam no Brasil e que atingem várias populações concebidas como ocupando as margens sociais, raciais ou geográficas da sociedade.

Tal como Marcia Anita Sprandel assinala no seu ensaio “Brasil e Paraguai: o desafio do conhecimento”, na apresentação do livro de José Lindomar Albuquerque:

Enquanto o Paraguai nos perceber apenas como vizinho imperialista e enquanto percebermos o Paraguai como país ligado ao contrabando

e à contravenção, estaremos presos a uma armadilha sem saída. Fugir dessa armadilha pressupõe humildade para o conhecimento mútuo e coragem para romper as representações midiáticas e conseguir não apenas ver o outro, mas também construir uma nova representação de quem somos e quem são os nossos vizinhos (SPRANDEL, 2010:14).

## Conclusões

Bem antes da denominada crise da representação na Antropologia na década de 80 que iria sacudir a disciplina e da virada reflexiva que a acompanhou, Evans-Pritchard já destacava a importância que as influências que formam nossa personalidade têm nos nossos trabalhos de campo. Nas suas palavras,

“...desde que nosso objeto de estudo são os seres humanos, tal estudo envolve toda a nossa personalidade – cabeça e coração; e que, assim, tudo aquilo que moldou essa personalidade está envolvido, não só a formação acadêmica: sexo, idade, classe social, nacionalidade, família, escola, igreja, amigos e assim por diante. Sublinho com isso que o que se traz de um estudo de campo depende muito daquilo que se levou para ele. Essa pelo menos foi minha experiência, tanto no que diz respeito às minhas próprias pesquisas quanto do que pude concluir das de meus colegas” (EVANS-PRITCHARD, [1937]:244).

Se o que trazemos do campo depende do que levamos a ele, refletir sobre os aspectos apontados por Evans-Pritchard é fundamental na hora de compreender o tipo de conhecimento que produzimos. Não precisamos tornar o exercício reflexivo em resultado de nossas pesquisas – é o mundo que interessa e não nós –, mas esse exercício é fundamental para entender a nossa inserção no campo e aquilo que vamos construir.

Tentei neste trabalho apresentar algumas limitações com as quais nos enfrentamos fazendo trabalho de campo em espaços em que a desconfiança paira sobre nossas intenções, analisar as matrizes utilizadas pelos nossos interlocutores para dar conta de nós, assim como explorar alguns preconceitos amplamente difundidos sobre o Paraguai. Mesmo sendo conscientes e críticos desses preconceitos, muitas vezes esquecemos que somos interpretados a

partir deles. Prestar atenção aos olhares cruzados no campo é, precisamente, levar isso em conta. Refletir sobre essas questões significa, precisamente, refletir sobre as ideias e as questões que levamos ao campo, muitas vezes sem sermos conscientes delas.

A conclusão, em termos de pesquisa, aponta a enfatizar velhos ensinamentos. Em primeiro lugar, investir em trabalhos de campo onde consigamos construir relações de confiança com nossos interlocutores. Aqui o tempo é fundamental, assim como o retorno ao campo. Em segundo lugar, realizar pesquisas de campo com as próprias e os próprios paraguaios; para o qual é necessário o aprendizado do espanhol e, idealmente, do guarani. Por último, explorar aquilo que levamos para o campo para compreender melhor o que observamos nele. Neste sentido, conhecer os preconceitos presentes nas nossas próprias sociedades em relação à sociedade pesquisada é fundamental para entender o universo de representações que estruturaram as nossas interações.

Tempo, reflexividade e respeito continuam a ser elementos fundamentais nos nossos trabalho de campo. Como antropólogos provenientes de Brasil, esses elementos se tornam indispensáveis na hora de realizar pesquisas nos países vizinhos.

## REFERÊNCIAS

1. AL ARABIYA ENGLISH. 2014. "Sistani's disapproval of Maliki is bad elections news for the premier." (Dina al-Shibeeb; Fotografia: Reuters). <<http://english.al-arabiya.net/en/perspective/2014/04/24/Sistani-s-disproval-of-Maliki-is-bad-elections-news-for-the-premier.html>>, 24/4/2014.
2. ALBUQUERQUE, José Lindomar C. *A dinâmica das fronteiras: os brasileiros na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2010.
3. CHAGAS, Gisele Fonseca. "A(s) estrada(s) para Damasco: reflexões sobre as experiências de trabalho de campo em uma sociedade do Oriente Médio." *Revista Antropolítica*, 37:403-423, 2014.
4. EVANS-PRITCHARD, Edward E. "Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo". Em *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 243-255, [1937] 2005.

5. EILBAUM, Lucía. “Entre campos e academias: uma perspectiva comparada entre Brasil e Argentina.” *Antropolítica*, 32:195-204, 2012.
6. FRY, Peter. “Internacionalização da disciplina.” In: TRAJANO FILHO, Wilson e RIBEIRO, Gustavo Lins (org.). *O campo da antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 227-248, 2004.
7. GAVAZZO, Natalia. *Hijos de bolivianos y paraguayos en el área metropolitana de Buenos Aires: identificaciones y participación, entre la discriminación y el reconocimiento*. Tesis Doctoral. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires, 2012.
8. GETTYIMAGES. “Violent Uprisings Continue in Baghdad.” (Fotografia: Spencer Platt). <<http://www.gettyimages.com/detail/news-photo/supporters-of-shiite-cleric-muqtada-al-sadr-converge-in-the-news-photo/3219795>>, 5/4/2004.
9. HART, Keith. “Kinship, Contract, and Trust: The Economic Organization of Migrants in an African Slum.” In: GAMBETTA, Diego (ed.). *Trust: Making and Breaking Cooperative Relations*. Oxford: Basil Blackwell, p. 176-193, 1988.
10. LIMA, Roberto Kant de. “Choques e fusões simétricas e criativas: a internacionalização da Antropologia no quadro de um acordo Capes-Cofecub (PPGA /UFF/ Sociologia/Nanterre)” *Antropolítica*, 30:199-207, 2011.
11. MIRANDA, Ana Paula Mendes de. “O Portugal que é tudo em si”: experiências de estranhamento e compreensão da brasilidade e da lusofonia.” *Antropolítica*, 31:187-197, 2011.
12. POLICARPO, Frederico. “A preparação para a viagem: apontamentos sobre as diferenças entre ‘trabalho de campo’ e ‘fieldwork.’” *Antropolítica*, 34: 215-226, 2013.
13. RABOSSI, Fernando. Como pensamos a Tríplice Fronteira? In: MACAGNO, Lorenzo; MONTENEGRO, Silvia; GIMÉNEZ BELIVAU, Verónica (orgs.). *A Tríplice Fronteira: espaços nacionais e dinâmicas locais*. Curitiba: Editora UFPR, p. 39-61, 2011.
14. RABOSSI, Fernando. “Made in Paraguai: notas sobre la producción de Ciudad del Este.” In: *Papeles de Trabajo – Revista Electrónica del IDAES*, v. 6, Buenos Aires. <<http://www.idaes.edu.ar/papelesdetrabajo/paginas/Documentos/7%20Rabossi.pdf>>, 2010.
15. RIAL, Carmen. “Circulação de Pessoas e de coisas: a internacionalização da antropologia brasileira e seus desbravadores.” In: RODRIGUES, Lea Carvalho; SILVA, Isabelle Braz Peixoto da (orgs.). *Saberes Locais, experiências transacionais – interfaces do fazer antropológico*. Fortaleza: ABA, p. 27-48, 2014.
16. RIBEIRO, Gustavo Lins. “Brazilian Anthropology Away from Home.” *American Anthropologist*, 116(1): 165-169, 2014.

17. SOUZA, Mirian Alves de. “Desafios para a internacionalização da pesquisa: como fazer trabalho de campo no Canadá?” *Revista Antropolítica*, 36: 305-322, 2014.
18. SPRANDEL, Marcia. “Brasil e Paraguai: O desafio do conhecimento.” In: ALBUQUERQUE, José Lindomar C. *A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. São Paulo: Annablume/Fapesp, p. 2010.
19. THOMAZ, Omar Ribeiro. “Sentidos da internacionalização da antropologia no Brasil”. In: RIBEIRO, Gustavo Lins; FERNANDES, Ana Maria; MARTINS, Carlos Benedito; TRAJANO FILHO, Wilson (orgs.). *As Ciências Sociais no Mundo Contemporâneo: revisões e prospecções*. Brasília: Letras Livres/Editora da UnB, p. 161-177, 2011.
20. TRAVESSIA. “Dossiê Paraguaio.” (Tiago Rangel Cortês e Carlos Freire da Silva orgs.) *Travessia Revista do Migrante*, XXVII(74), 2014.